

# Revista da Semana

ANO XLII • N.º 20 • 17 de Maio de 1941

1\$500 em todo o Brasil



"ACAÇIA e FLAMBOYANT"

(Óleo de Getúlio Formenti)



# ARTE NEGRA

Reportagem  
de MARIO  
BARATA

Fotografias  
de ARNAL-  
DO VIEIRA



Esta escultura de Iemanjá foi encontrada recentemente numa das macumbas cariocas. Aproxima-se duma clássica representação dessa deusa, mas os traços estão perdendo, lentamente, a rigidez característica da escultura negra.



O mesmo ídolo, visto de lado, impressiona bastante

Ao lado: Magnífica escultura representando Obá ou Osa-Osi, deusa ioruba. Foi encontrada numa cidade baiana e está no Museu Histórico Nacional.

A arte está em íntima relação com a atividade humana e principalmente com o esforço criador ou renovador de que ela é expressão. Todo pensamento e toda emoção que contém em si vitalidade e realizam uma função social criam naturalmente uma arte que expressará as tendências do homem e da sociedade em que aparece. Quando a função social desaparece, tanto do pensamento e da emoção, como da arte, esta se anquilosa, passando a ter vida artificial, sem possuir potência creadora, tendo, ao contrário, as duas características fundamentais dos órgãos ou atividades que perderam a função social — impossibilitar uma eficiência de ação mental ou material e opôr-se a uma real seleção de valores.

Esta pequena introdução vai nos servir para explicar a posição da arte negra no Brasil, observada nesta reportagem, principalmente através de ídolos de macumbas cariocas recolhidos pela polícia civil na campanha ultimamente realizada. A arte negra em nossa Terra está e esteve quasi sempre ligada intimamente á religião; mas apresenta essa união características bem curiosas e bem precisas.

O fato da arte negra estar entrelaçada aos cultos negros não significa que ela esteja passando um período idêntico ou semelhante ao que passou a nossa arte colonial, também visceralmente entroncada com as necessidades religiosas. Há diferenças fundamentais.

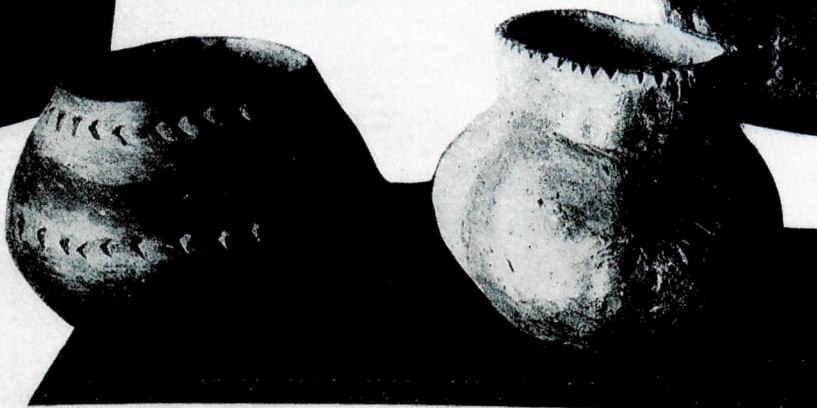
A arte também nasce para exercer uma função social e enquanto a exerce é compreendida e amada por todos os membros da sociedade, pois está satisfazendo necessidades irremovíveis. Mais tarde ela pode se anquilosar e perder sua verdadeira razão de ser, tornando-se mera repetição "acadêmica".

Ora, a arte sempre tem aparecido, também, ao lado da religião e aqui se dá um fenômeno interessantíssimo — quando as religiões não se imobilizam, isto é transformam-se continuamente afim de realizar sua função social, a arte tende a se transformar e a ficar viva. E' o caso das religiões negras, extremamente instáveis na forma e no fundo, e acessíveis aos seus seguidores. Quando a religião se imobiliza a arte tem vida independente, podendo anquilosar-se e ser substituída por outra forma viva, dentro da mesma religião e assim por diante. Mas além



Singular ídolo duma macumba carioca, feito de tabatinga, engordurado com sebo, e ornamentado com buzios ou cauris, que se vêem na gravura, colocados um pouco cabalisticamente. A forma do corpo e a falta de braços são detalhes estranhos. O resto, como todo o conjunto, demasiado primitivo.

Dois exemplares de cerâmica feita por africanos nas minerações de Mariana e Ouro Preto. Encontram-se presentemente no Museu Histórico e apesar de sua extrema simplicidade mostram que os negros traziam da África uma técnica material já evolvida. Numa delas a tentativa de ornamentação é bem interessante, dentro de sua espontaneidade.



O mesmo ídolo visto de perfil, sobressaindo o curioso nariz.



a religião negra ser pouco organizada e muitas vezes os próprios chefes fazeres suas próprias imagens, estas são a parte principal do culto e não simples ornamentação.

Leo Frobenius, no seu livro "História da Civilização Africana", respondendo a questões — que pode ser a arte para nós e que devemos chamar arte? — diz: "Tudo novo conhecimento nasce no seio de emoção ou, dito de outro modo, na "expressão"; mas quando o período de reação sentimental passa, a emoção torna-se aplicação. Este fenómeno na vida civilizada se repete unicamente como o princípio de toda a mutação, de toda a formação de vida para o indivíduo e para uma comunidade orgânica". E pouco adiante: "Nós dissemos "a arte é o aspecto sublime da civilização na sua pureza virginal e imaculada". Ser-nos-á mais fácil agora compreender esta frase "pureza virginal e imaculada"; significa que a arte brotou do jogo da realidade e na emoção sob a impulsão das origens; esta pureza desaparece quando a tensão se perde; utilizada, a arte torna-se indústria". E mais além: "A arte, como aspecto, pode se manifestar em todo domínio onde se produz um movimento vital de civilização".

No Brasil, como dissemos acima, a arte dos negros aparece acima de tudo unida à sua religião. Na África, todavia, ela é uma das mais ricas e fecundas do universo. E' que em nossa terra o negro não pôde e não necessitou expandir integralmente sua capacidade artística a não ser num setor, que foi justamente o da religião, que não somente não desapareceu como ficou com sua função social ainda maior na nova Pátria.

O NEGRO QUE VEIU PARA O BRASIL ERA ARTISTA

Manuel Querino na memória "A raça africana e os seus costumes na Baía", por ele apresentada em 1916 ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, tem várias referências à capacidade do negro no tocante às artes plásticas e às decorativas. No capítulo "A Indústria", por exemplo, diz ele que os africanos "mostravam ainda tendências para as artes liberais, esculpindo os símbolos fetichistas de sua seita, tão aperfeiçoados quanto possível" e — na página 41 — "foi ele o operário de todas as aplicações mecânicas e auxiliar de artes liberais".

Realmente têm sido muitas as referências à habilidade artística do negro africano e é coisa mais que sabida que os maiores escultores coloniais e muitos dos pintores eram mestiços, filhos diretos de negros.

Disse-me o professor Magalhães Corrêa, e também o afirmou em tese ainda inédita, que os géges eram treinadíssimos na escultura em madeira, fazendo-a superiormente aos portugueses, motivo pelo qual foram aproveitados e educados pelos jesuítas para a ornamentação dos seus templos.

A contribuição da raça negra à história artística nacional ainda não foi estudada e muito menos avaliada; entretanto, não pode ser de maneira alguma desmerecida, pois os estudiosos da arte do continente africano vêm nestes últimos decênios revelando a extraordinária força e potencialidade da escultura e do desenho negros. Leo Frobenius, Gaston Denys Perier, Ben Nicholson, Frank Dobson e outros a têm estudado profundamente.

Afirma Leo Frobenius que houve um excesso no desprezo que os europeus tiveram pelos africanos e que "a ideia do "negro bárbaro" é uma invenção europeia que por sua repercussão dominou a Europa até o início deste século". Os negros faziam desenhos e esculturas riquíssimos de vida e de expressão, muitos dos quais sem ligação com cultos religiosos, mas de certo diferentes da concepção artística europeia da época, e quando se encontravam nos indígenas da África Ocidental madeiras esculpidas, figurações de homens ou de animais, máscaras, classificava-se tudo isto sobre a rubrica "fetiches" ou "arte demoníaca e bárbara".

As mais recentes conclusões de etnologia africana nos mostram que os terri-

tórios em que se encontram com abundância esculturas e máscaras africanas estão justamente na região ocidental e bem nos pontos de onde proveio grande parte da imigração negra, entre a Angola, o Congo e o Daomei.

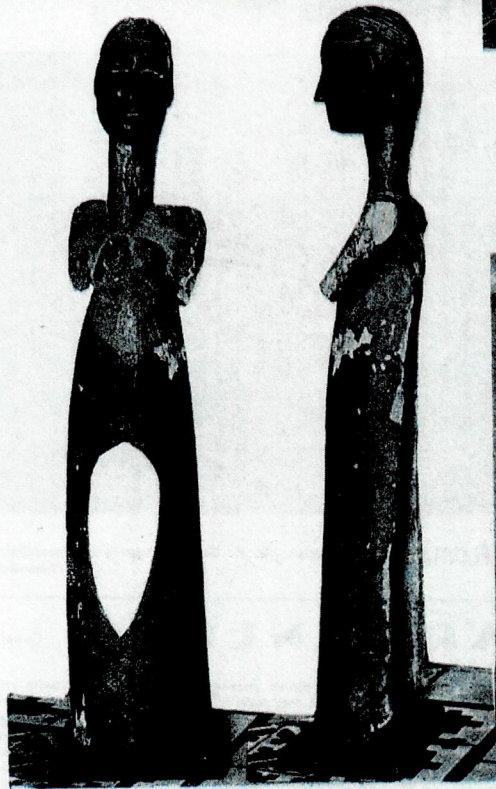
Os negros iombas, tão comuns em nossa Terra, são dos mais citados pelos estudiosos de Africanologia em suas obras. Na tradução francesa da obra de Frobenius acima citada estão representados esculturas e motivos decorativos bem interessantes, e em grande número, da nação Iomba.

A ARTE NEGRA NO BRASIL

Sempre foi curiosa e digna de ser estudada a produção artística do africano e de seus descendentes diretos no Brasil. Admira-nos como essa manifestação cultural duma raça passou despercebida e apagada durante tanto tempo e ainda hoje é uma verdadeira desconhecida.

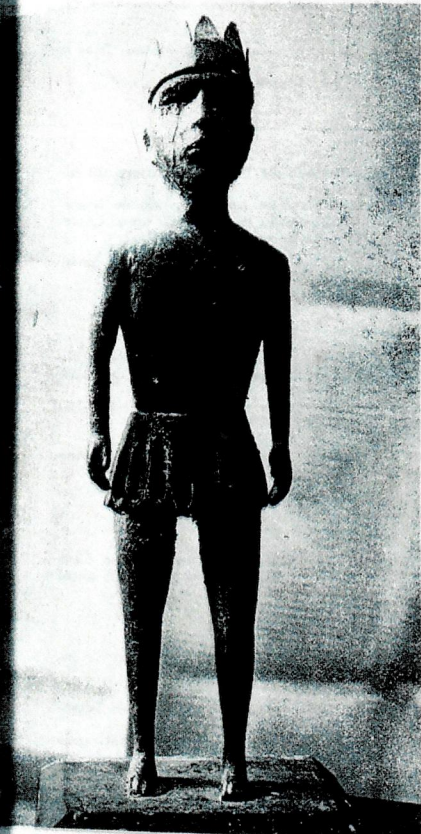
O problema hoje está em termos diferentes. Praticamente, a arte propriamente negra está encerrando o seu ciclo em nosso país, desaparecendo com a contínua miscigenação cultural e física que se está processando em nossa Terra. Podemos estudá-la nos raros exemplares conservados em museus e coleções particulares.

Cont. na pag. 34

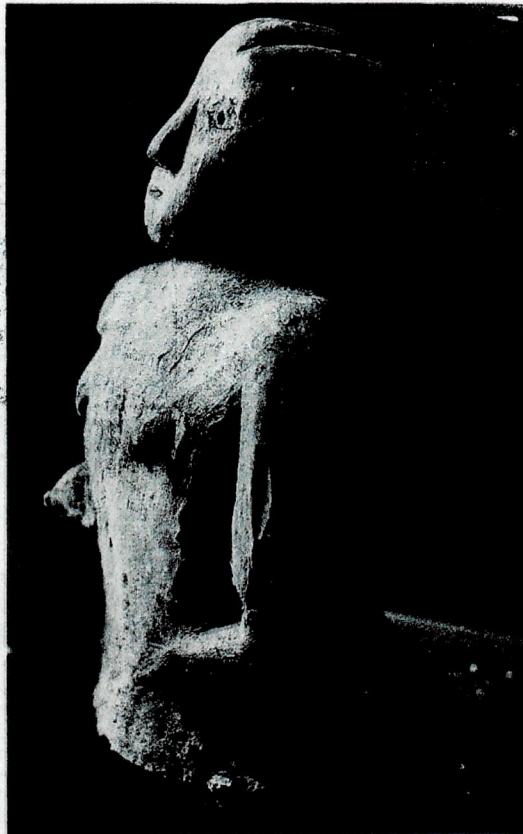


Máscara de Maria Cambinda utilizada pelos negros em procissões em Ouro Preto. As máscaras sempre tiveram grande importância na África, sendo utilizadas não somente em festas religiosas como em cerimônias guerreiras, tribais e outras.

A mesma máscara vista noutra posição. Interessantíssimos o nariz e o pentado.



Escultura em madeira, curiosíssima, colhida há poucos dias pela polícia carioca numa das macumbas ultimamente fechadas. Representa um "caboclinho", símbolo surpreendente da persistência de tradições ameríndias nos mitos negros. Feita com rusticidade, apresenta em seus traços algo da rigidez característica de pura arte negra, mas sem a mesma forte expressão.



Outra escultura, um pouco rudimentar, encontrada numa macumba carioca. A firmeza do traço que figura dividir o cabelo é um detalhe interessante.



A mesma escultura vista de frente. Pela rusticidade parece ter sido feita por crianças, com areia, na praia de Copacabana. As principais características da arte negra desaparecem com os anos e com a morte dos africanos ou filhos legítimos de africanos? Nas próprias macumbas cariocas dos últimos tempos, grande número dos "pais de santos" eram de cor branca.





FLORIANO A comemoração da data aniversária do marechal Floriano Peixoto no III Batalhão do Regimento Sampaio, do comando do capitão Nelson Faria.

## A ARTE NEGRA E OS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS

O conhecido escultor inglês Frank Dobson disse há alguns anos atrás em entrevista a Flávio de Carvalho que "a arte negra tem uma tremenda influência sobre a escultura, levou o escultor à compreensão das qualidades essenciais da ideia de escultura; sem o contato com a arte primitiva, a arte moderna revolucionária não seria possível — não acho que seja bom imitar a arte negra mesmo porque não possuímos uma alma negra. Precisamos nos conservar em contacto com a tradição; a influência da tradição é inevitável. Todas as principais qualidades da arte primitiva são muito parecidas: simplicidade do modo de pensar primitivo e interpretação direta em vez de imitação".

Mas o belga Gaston Denys Perier é que é um dos maiores conhecedores da arte negra no continente europeu, tendo escrito uns vinte livros sobre o Congo. "O negro trabalha na sombra, diz ele, e só enxerga os planos, só se interessa pelas marcas tribais, pelas cicatrizes; para ele o indivíduo não tem interesse... nós somos individualistas e nos interessamos pelos nossos traços pessoais".

— E do dia da liberdade, que você me conta?  
— Houve muitos casamentos, pois o pessoal estava com sede, e com a liberdade começou a fazer asneiras. Os padres casavam diversos casais de cada vez. Fui a uma igreja e vi que ele mandou ficar as seis moças de um lado e os seis rapazes de outro. Depois das palavras comuns ele disse para as pessoas que estavam em frente umas das outras:  
— Estão casados.  
— Não houve reclamações, pois os pares não correspondiam aos noivos. Mas o padre disse:  
— Agora é tarde. O casamento é indissolúvel e vocês estão casados.

## ARTE NEGRA Conclusão da pag. 17

e podemos estudá-la no plano universal, isto é baseado na própria África, para podermos vir a conhecer sua possível influência na arte brasileira.

Atualmente ainda encontramos santeiros negros e santeiros não negros, que baseados nas tradições artísticas dos africanos vindos para o Brasil fazem imagens interessantes e que não se afastam muito das primitivas. Na Baía existe um desses santeiros e seus trabalhos foram julgados dignos de figurar na recente "Exposição do Mundo Português" em Lisboa. Dona Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, foi especialmente áquela Estado afim de escolher os que seriam enviados a Portugal.

Tanto nas macumbas da Baía como nas do Rio de Janeiro se fazem ídolos em tabatinga e em madeira, que estão passando de arte negra a arte popular com forte influência negra. Mas mesmo como arte popular e justamente por isso, eles conservam sua força artística baseada na simplicidade.

O traço mais característico da escultura negra nos exemplares por nós observados é a linha reta, que dá uma expressão tão forte e intensa à obra de arte que impressiona por si mesma, independente de qualquer noção de beleza.

Os negros não se importaram na sua escultura com a graciosidade ou a leveza das figuras. A rigidez com que estas se apresentam lhes dão uma singular força. É interessante notar que nos desenhos rupestres africanos se dá justamente o oposto, pois são dotados de uma finura e de uma leveza encantadoras.

Algumas das esculturas das macumbas cariocas estão perdendo a linha reta característica. Entretanto, nas que existem no Museu Histórico Nacional e no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista ela aparece fortemente. No primeiro há um notável ídolo representando Obá ou Osa-Osi, deusa ioruba que teve um culto muito popular entre os negros da Baía e era padroeira dos caçadores e da fecundidade. Foi encontrada em Nazaré das Famílias, no mesmo Estado, e ofertada ao Museu pelo dr. José de Castro Monte. A rigidez dos seios e do ventre, a largura dos ombros e a força contida nos braços retos são impressionantes. O rosto está com as tatuagens que eram comuns em todas as imagens africanas. O cabelo decorativamente traçado é outra característica de muitas esculturas negras. No mesmo museu há uma curiosíssima máscara de madeira dos negros da Irmandade do Rosário de Ouro Preto, onde era levada nas procissões. O rosto de mulher, esculpido em arte puramente negra, representa Maria Cambinda.

No Museu Nacional, além de diversas esculturas provenientes da África para as suas coleções etnográficas, há algumas bem interessantes, vindas da Baía, entre as quais as representando Inhaçã, Iêmanjá, Xangô, Duxoulujan, que têm certa parecença com Cristo, Nanam e Dumôlum. Infelizmente está tudo em reorganização no presente momento, as salas estão fechadas e os objetos fora do lugar, de modo que não pudemos observá-los.

Nas macumbas cariocas foi recolhida uma escultura curiosíssima que tem um aspecto meio marajoara. Entretanto, é nada mais é que a continuação de uma velha representação de Iêmanjá. O recipiente ou vaso existente na cabeça tem a denominação de Open e serve para receber os atributos de Santa Bárbara ou Ochum. Já na memória de Manuel Querino sobre a "Raça Africana e seus costumes na Baía" ela aparece numa fotografia em que se acham vários orixás. A posição das mãos segurando os seios, em que ela se encontra, dão os etnólogos o nome de "oferatório". Aparece sobretudo na costa da Guiné entre os Iombas e no planalto de Balé no Camerun. Segundo Probenius, aí é uma zona que sofreu influência estrangeira sobre a escultura em madeira e justamente o motivo escultórico acima aparece noutros países, como Chipre, Fenícia e Grécia antes de atingir a África Ocidental.

### A ARTE NEGRA NA AFRICA

Desde a mais remota prehistória apareceu a arte no continente africano por intermédio de desenhos rupestres de grande valor, em plena idade da pedra no cap-siano. No Atlas Saariano eles aparecem com grandiosidade e noutros pontos da África um pouco menores. Representavam animais ou traçados geométricos. O leão e o touro vieram a ter grande preponderância nessas representações pictóricas. Posteriormente se encontra em alguns lugares uma cerâmica decorativa bem interessante. A arquitetura também tem sido estudada.

Mas na escultura é que reside a maior expressão da arte negra. Sobre ela fala Probenius: "Segundo a forma, podem-se distinguir dois estilos: o do Este e o do Norte, que apresenta tipos bem feitos numa forma fechada, e o do Oeste, que não mostra unicamente formas mais complicadas, membros curvos e arredondados, detalhes muito trabalhados, movimento, mas também uma maior variedade na representação: são estátuas trazendo composições reunindo homens e animais, cetos artísticos, caracóis de cabelos, figuras elegantemente trabalhadas ornando toda a sorte de instrumentos, desde os tambores até às pontas de flexas. É verdadeiramente o estilo "equatorial" da Melanésia tal como nós o conhecemos, mais variados é verdade. Comparadas a estas figuras, as do Sudoeste e do Nordeste, do Este e do Sul da África, nos dão em geral a impressão de soldados na "garde-à-vous."

Para achar uma tal simplicidade na riqueza é preciso remontar até o período de Negada no Egito."

## RECORDANDO O CATIVEIRO

Conclusão da pag. 19

— Agora é tarde. O casamento é indissolúvel e vocês estão casados.

—oO—

Na "Casa São Luiz", fundada pela generosidade do Visconde Ferreira de Almeida, encontramos diversos ex-escravos.

Maria Francisca da Conceição, apelidada a Gambôa por ter vindo do hospital da Gambôa, é a mais velha preta ali existente, tendo mais de 100 anos. Disse-nos que nasceu na roça e que no dia da liberdade os escravos gritavam:

— "Viva a princesa que forrou nós!"

Além disso só se lembrava que depois desse dia "se espaiaram tudo".

—oO—

Luiza Marques veio pequena de Mangaratiba, pouco antes da abolição e viu as danças do campo de Sant'Ana. Disse-nos que as moças estavam todas de vestido branco, com fita verde-amarelo, gritando — Viva a Princesa!

Esperança Timóteo tem 80 anos. Morava em Santo Agostinho de Pernambuco, na vila do Cabo, como nos disse.

— Você se lembra do dia da liberdade?

— Não o vi, não senhor. Fui para uma fazenda na roça e lá alguns, conforme foram sabendo, foram saindo. Quando eu o soube fui embora para Olinda.

—oO—

Maria Tereza de Jesus é a ex-escrava mais robusta que se encontra na Casa de São Luiz. Ainda trabalha e tem a aparência de uns cinquenta e poucos anos, apesar de suas oitenta primaveras.

— Onde é que você se achava no dia da liberdade?

— Numa fazenda em São José do Rio Preto.

— Houve muitas festas nele?

— Nada. Foi um dia como os outros. Lembro-me que trabalhei muito na enxada para a fazenda.

— Vocês não faziam festas de vez em quando?

— Só no Natal. Os homens tocavam viola e nós dançávamos o cateretê, batendo com o pé no chão.

Já havíamos obtido muitas recordações de velhos negros. Iamos nos retirando quando encontramos o sr. Romualdo Ferreira de Melo, com 88 anos de idade e o sr. Zeferino, com 118 anos verdadeiros. O primeiro foi escravo na casa do conselheiro Couto em São Domingos — Em frente à ponte das barcas, disse-nos. E ia levar diariamente a pasta dele ao Supremo Tribunal bem como a do conselheiro Barbosa.

No dia 15 de Maio ele reuniu os escravos e disse — Vocês hoje são senhores dos seus varizes. Façam o que quiserem.

Mas o Romualdo continuou a fazer a mesma coisa.

O Zeferino é gaúcho. Recordava-se que os negros fugiam de Porto Alegre para o Estado Oriental, onde não os iam buscar.

— O Estado Oriental era contra o Brasil por causa da escravidão — falou-nos ele.

Da escravidão não se lembrava mais nada, mas contou-nos muita coisa interessante e afirmou que conhece todos os fatos desde o 1.º século.

— Tenho mais de 140 anos — disse vaidosamente.